

Quem acredita nos políticos?

ESTADO DE SÃO PAULO

6 MAR 1966

JOSÉ FONSECA FILHO

A maioria dos parlamentares concorda que a classe política está em fase de crescente desgaste, mas uma das possibilidades de recuperação, para o grupo mais à esquerda, é a elaboração de uma Constituição progressista, de acordo com seus pontos de vista, naturalmente. Para os setores mais liberais do Congresso, a futura Carta poderá comprometer mais ainda a classe política, se oferecer benefícios, fáceis de considerar teoricamente, mas que, na prática, resultarão em novas dificuldades econômicas e sociais, frustrando parcelas da sociedade.

Veterano da Constituinte de 46, o senador Luís Vianna Filho acha que o desgaste existente é do governo, que o transfere para a classe política em geral, responsabilizada erradamente por tudo o que de mau ocorre no País. Parlamentar jovem, José Genofino, do PT, não tem dúvida sobre o desgaste dos políticos e suas razões principais: a manipulação do processo eleitoral; as atitudes condenáveis dos parlamentares, como a ausência reiterada e os votos fraudulentos, e o baixo nível de politização da população. Afif Domingos (PL-SP) acha que o momento é importante: está surgindo um novo político preocupado com os interesses da Nação e não do Estado.

Cientistas sociais também concordam sobre o desgaste, que não pa-

rece preocupar tanto os políticos. David Fleischer, da Universidade de Brasília, considera que o desgaste dos políticos se deve a duas razões principais: a espontânea incompetência da categoria, que não consegue superar o problema, e a campanha crítica desenvolvida pela mídia eletrônica, com receio de terem seus interesses contrariados na Constituinte. Acrescenta Fleischer que os políticos não conseguem se dissociar do governo devido ao partido, e com isso o PMDB fica mais desgastado em função do descrédito do presidente Sarney. O senador Jarbas Passarinho acha que o desgaste é visível, mas isso se enquadra na mesma realidade cultural, não exclusiva do Brasil, para a qual contribui também o noticiário negativo divulgado pela imprensa.

Para o deputado Roberto Cardoso Alves, o descrédito dos políticos se deve principalmente à falta de coerência entre o que eles pregam na campanha e o que realizam posteriormente. Como o Congresso não tem direitos nem prerrogativas, e, portanto, tem menos responsabilidade, fica mais fácil prometer e não cumprir, observa o parlamentar, para quem a nova Constituição não vai ajudar a restabelecer o prestígio da classe porque se caracteriza por dispositivos de "ojeriza ao trabalho, complacência com os criminosos e horror ao capital investidor". O senador Roberto Campos acrescenta que a classe política está possuída

de "utopias econômicas", confundindo aspirações com direitos, e fica sem saída diante de um paradoxo incontornável: é fácil legislar com a pobreza, o difícil é legislar com a riqueza.

A concepção do Congresso não acompanhou a modernização da sociedade; o processo decisório é caracterizado pela lentidão e o Legislativo não dispõe de poder, observa o sociólogo Carlos Alberto de Medina, do Centro Latino-Americano de Pesquisas Sociais. O Congresso, em sua opinião, deveria valorizar as comissões técnicas e reduzir as atividades de plenário, onde subsistia a imagem desgastada do tribuno, inadaptável aos tempos modernos. Antes o Congresso era o eco do País, hoje tem a televisão, diz o sociólogo, considerando, assim, equivocada a alternativa do regime parlamentarista. Os congressistas hoje são vistos como meros intermediários de concessões do Executivo, que se refletem mais em favor de grupos do que da sociedade, diz Medina. O senador Fernando Henrique Cardoso observa que o desgaste político é provocado tanto pelo Executivo como pelo Legislativo, mas depois de promulgada a futura Constituição, com avanços nos campos econômico e social, haverá recuperação da imagem.

A falta de exação no cumprimento do dever deve ser punida, ressalta Jarbas Passarinho, lembrando a ausência de parlamentares embo-

ra haja dispositivo regimental determinando punição aos faltosos a um terço das sessões. Para Francisco Dornelles o desgaste dos políticos é uma história velha, decorrente das crises de desgoverno que o País atravessa e acabam comprometendo toda a classe. É preciso sermos coerentes com os compromissos da campanha, afirma o ex-ministro da Fazenda, observando também que os políticos falham quando não obtêm êxito em negociações para superar os problemas nacionais. O governador Fernando Collor, de Alagoas, acha que o desgaste dos políticos é evidente na medida em que eles participam do processo, mas não apresentam soluções inovadoras, caracterizando-se pela repetição dos mesmos hábitos ao longo da República.

O presidente do Congresso, senador Humberto Lucena, atribui o desgaste dos políticos aos 20 anos de autoritarismo e acha que se não houver união nacional para superação das dificuldades, com compromissos de todos os partidos, a crise vai-se agravar e os políticos ficarão ainda mais desacreditados. O deputado Alcenir Guerra (PMDB-PR) observa que a classe política brasileira não evoluiu muito e ainda é prejudicada pela sucessão de governos incompetentes. Por isso representantes de outras áreas, como o empresário Antônio Ermírio, estão tendo sucesso como alternativa na política, observa o parlamentar.

Brasília/Agência Estado